ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA NO CAMPO EVANGÉLICO: COMENTÁRIO AO ARTIGO DE CHRISTINA VITAL DA CUNHA “IRMÃOS CONTRA O IMPÉRIO: EVANGÉLICOS DE ESQUERDA NAS ELEIÇÕES 2020 NO BRASIL”¹

*Marina Basso Lacerda*²

Resumo: O artigo de Vital da Cunha analisa a presença de articulações evangélicas de esquerda, progressistas ou populares nas eleições de 2018. Infere-se do texto que, contra a hegemonia socioeconômica e política excludente, esses religiosos, minoritários – dos candidatos evangélicos identificados pela autora no pleito, apenas 15% se filiavam a partidos de esquerda – também atuam contra o “império” conservador no campo protestante. Se as articulações, de um lado, como demonstra a pesquisa, mobilizam a linguagem mais contemporânea no campo reivindicatório, por outro refletem a tradição do movimento ecumênico no Brasil. A reação vinda do campo conservador, por sua vez, usa linguagem que remete ao histórico anti-comunista da direita cristã, desde a Guerra Fria. O trabalho de Vital da Cunha é relevante para jogar luz para as estratégias de resistência e enfrentamento desses grupos minoritários no universo protestante, sobretudo pentecostal.

Palavras-chave: Evangelismo; Direita; Esquerda; Ecumenismo.

¹ Como citar: LACERDA, Marina Basso. Estratégias de resistência no campo evangélico brasileiro: comentário ao artigo de Christina Vital da Cunha “Irmãos contra o Império: evangélicos de esquerda nas eleições 2020 no Brasil”. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 21, n. 39, p. 127-135, 2021.

² Pesquisadora do Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil, e pós-doutoranda no Departamento de Ciência Política na mesma universidade. E-mail: marina.basso.lacerda@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0755-1916>.

RESISTANCE AMONG EVANGELICALS: COMMENTARY ON THE ARTICLE BY CHRISTINA VITAL DA CUNHA "BROTHERS AGAINST THE EMPIRE: LEFTIST EVANGELICALS IN THE 2020 ELECTIONS IN BRAZIL"

Abstract: Vital da Cunha's article analyzes the presence of left-wing, progressive or popular Evangelical articulations in the 2018 Brazilian elections. On the pool, only 15% of the Evangelicals joined left-wing parties, acting against the conservative "empire" in the Protestant field. If those articulations, on the one hand, as the research demonstrates, mobilize the most contemporary language on social justice claims, on the other hand, they reflect the tradition of the Ecumenical Movement in Brazil. The reaction coming from the conservative camp, in its turn, refers to the anti-communist history of the Christian right, since the Cold War. Vital da Cunha's work is relevant to shed light on the resistance and confrontation strategies of these minority groups in the Protestant universe.

Keywords: Evangelism; Right-wing; Left-wing; Ecumenism.

O artigo de Christina Vital da Cunha, "Irmãos contra o Império: evangélicos de esquerda nas eleições 2020 no Brasil", aborda parte do material empírico colhido na pesquisa "Esquerda Evangélica nas Eleições 2020", promovida pelo Instituto de Estudos da Religião em parceria com a Fundação Heinrich Böll. A autora analisa o movimento Bancada Evangélica Popular, fundado em 2020, ao lado de outras articulações semelhantes, a saber: a Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito (FEED), criada em 2016, e o movimento Cristãos Contra o Fascismo, lançado em 2018. Na sequência, trata da identidade política dos evangélicos – progressistas, populares ou de esquerda. Então aborda as acusações de líderes conservadores contra as articulações do campo político oposto no contexto daquelas eleições. Discute, finalmente, as pautas racial e de gênero na mobilização dos evangélicos progressistas no pleito municipal. Comentarei alguns desses aspectos, procurando agregar reflexões ao excelente trabalho.

O primeiro conceito que me chama atenção é o que dá título ao texto: o “império”. Como o artigo trata de evangélicos de esquerda³, supus, à primeira vista, que o “império” se referiria ao evangelismo conservador, hegemônico em se considerando as diversas inserções, na política, de fiéis e de líderes do grande campo protestante. Isso é assim pelo menos desde o período militar no Brasil. Para Cowan (2014), é da época do regime de 1964 que a direita cristã brasileira, então embrionária, passou a gravitar em torno de dois temas: o de que haveria uma crise nos campos da moralidade, da espiritualidade e da sexualidade privadas; e de que o comunismo e o ecumenismo, relacionados às pautas de igualdade social, constituiriam ameaças. Essas questões é que, de acordo com o autor, desenharam as divisões que separaram os evangélicos em círculos eleitorais de esquerda e de direita, sendo o último triunfante, embora o primeiro tenha sempre e até hoje existido e persistido.

O fato de o campo de esquerda ser minoritário na atuação política dos evangélicos é demonstrado pelos números expostos por Vital da Cunha: foram encontradas 13.074 candidaturas, nas últimas eleições municipais, com referência ao universo cristão, considerando o nome de urna; dessas, 2.086 (ou seja, apenas 15%) concorreram por partidos de esquerda. Ainda que o total de candidaturas evangélicas seja, certamente, maior (porque não conterão a identidade de “pastor”, por exemplo), o dado é significativo de quão minoritário é o campo progressista. Do movimento Bancada Evangélica Popular, de acordo com o artigo, resultaram apenas cinco candidaturas no Brasil, nenhuma das quais foi vitoriosa. Há um domínio conservador entre os evangélicos.

Mas o “império” a que o título faz referência não é o que eu imaginei que fosse (um império da direita no campo protestante). Trata-se do sistema político, social e econômico, como se depreende da epígrafe: “O império é maligno. O sistema é maligno. Esse sistema socioeconômico político é maligno”. As aspas são de Ariovaldo Ramos, coordenador da Frente de

³ De esquerda, ou progressista, ou popular, conforme Vital da Cunha discute no próprio artigo. Usarei, porém, os termos de maneira indiferente neste comentário.

Evangélicos pelo Estado de Direito e um dos idealizadores da Bancada Evangélica Popular. Dessa epígrafe e do conjunto de falas levantadas no artigo é que se compreende o que é ser um evangélico de esquerda, na síntese de Vital: trata-se da defesa do Estado Laico, da luta pela superação da pobreza, da defesa das liberdades individuais e do combate à desigualdade social, racial e de gênero, mediante uma perspectiva igualitária.

Os cristãos que acreditam nesses princípios, mas que, conforme a pesquisa, não querem perder a identidade de fiéis, se organizaram para ter voz nas eleições municipais de 2020. Assim como a direita cristã usa, para reivindicações religiosas, argumentos que fazem parte do debate laico – referindo-se, por exemplo, a elementos relativos à constitucionalidade de determinadas propostas (Lacerda, 2019, p. 88-91) –, os evangélicos de esquerda usaram o nome “Bancada”, associado à Bancada Evangélica na Câmara dos Deputados, para formularem uma organização, a Bancada Evangélica Popular, que contesta sua “hegemonia” (expressão usada por Ariovaldo). As estratégias são quase espelho uma da outra: um grupo usa-se de um léxico predominante no grupo oposto como forma de se fortalecer no debate político.

Chama atenção que as articulações progressistas objeto do estudo estão conectadas com o que há de mais contemporâneo entre os diversos grupos contestatórios, abrangendo desde a igualdade material até a igualdade de gênero e racial. Mas, embora recentes e com uma linguagem atual, as articulações evangélicas de esquerda presentes nas eleições de 2020 remetem, em meu entendimento, a algo que, ainda que não predominante, também é uma tradição no campo protestante brasileiro, que é o ecumenismo.

Tendo no Brasil sua expressão mais forte na Confederação Evangélica do Brasil (CEB), que desde 1955 marca um compromisso com a sociedade para além do assistencialismo, o movimento ecumênico, conforme explica Zwinglio (2014, p. 14), chamava para um “testemunho evangélico comum frente a um mundo fraturado por guerras e discórdias de todo tipo, sua preocupação com a crescente desigualdade econômica”. Como concluiu a Comissão Nacional da Verdade, o ecumenismo “colocava os diferentes

grupos protestantes e católicos em diálogo e em práticas conjuntas, com sua ênfase na dimensão do cristianismo prático”, e “teve papel expressivo na construção dessas posturas de engajamento sociopolítico dos dois grupos cristãos” (CNV, 2014, p. 157). Tratava-se, portanto, na ênfase da igualdade social, comum ao pensamento de esquerda (Bobbio, 1995) e presente nas organizações estudadas por Vital da Cunha⁴.

Há outro paralelo passado-presente. Como Vital trata na seção “Acusações aos evangélicos de esquerda nas eleições 2020”, houve investimento em meios de comunicação contra as articulações de esquerda tratadas no artigo. A Folha Universal publicou que a Bancada Evangélica Popular seria “bancada socialista voltada para cristãos”, com base em Marx e Engels, e que queria “deturpar a Palavra de Deus”. De acordo com Vital, a “Igreja Universal do Reino de Deus, certamente, no caso das eleições 2020, se somava a outras denominações evangélicas de grande projeção midiática na produção de desinformação acentuando sentimentos anticomunistas, antipetistas e medos sobre o florescer de grupos de esquerda evangélicos na política”.

Ela cita Alexandre Brasil Fonseca (2020), para quem “Não há um antipetismo evangélico natural. O que há é um forte e significativo investimento de setores junto a esse grupo”. De fato. O investimento em formação de direita – atavicamente anticomunista – dos fiéis evangélicos é antigo. Redes de radiodifusão e editoras evangélicas, aportadas no Brasil desde a década de 1960, publicavam conteúdo inspirado na direita cristã norte-americana, associando o comunismo e a União Soviética com forças diabólicas, e Estados Unidos, capitalismo e Israel com as fronteiras do Reino de Deus (Santos, 2005, p. 163). Impressiona como, depois de 21 anos da queda do Muro de Berlim, o argumento ainda se faça atual. Hoje, porém, os meios são diferentes. Trata-se do uso das mídias digitais, conforme escreve a autora.

⁴ O movimento ecumênico ainda se faz presente – expresso, por exemplo, na última Campanha da Fraternidade Ecumênica, e sofreu ataques conservadores no âmbito das mídias digitais (Carranza; Teixeira, 2021).

A disputa política também se dá em torno do que é ser o verdadeiro cristão. Conforme a Folha Universal, a Bancada Evangélica Popular queria “deturpar” a palavra de Deus – como se houvesse uma correta e uma errada. E é sobre a percepção de uma identidade evangélica conservadora hegemônica e de uma identidade que não quer deixar de ser fiel, mas que é progressista/ de esquerda/popular, que as batalhas descritas no artigo ocorrem.

Vital cita pesquisas para afirmar que, embora a maior parte dos evangélicos no Brasil seja de pessoas negras (pesquisa do DataFolha de janeiro de 2020), predomina a negação do racismo e de uma identidade afro entre os evangélicos (Reina, 2017), e que, conforme seus dados indicam, a maior parte das candidaturas evangélicas de esquerda acompanhadas na pesquisa tinham o combate ao racismo como bandeiras centrais de suas campanhas. Nesse sentido, acho interessante a convergência do argumento da autora com a pesquisa de Francisco Cartaxo Rolim, que é, para Freston (1993, p. 18, o “autor da principal obra de macro-sociologia do pentecostalismo”.

De acordo com Rolim (1985, p. 67-73) o movimento pentecostal que cresceu no Brasil na segunda década do século XX tem suas origens próximas ao pentecostalismo mais conservador de inspiração norte-americana, com dissociação entre práticas religiosas e práticas sociais, totalmente voltado para o sacral. É que o autor diferencia o pentecostalismo dos EUA entre aquele de maioria branca, sulista e “alienada” politicamente, e o pentecostalismo de igrejas de maioria negra, nas quais a dimensão política contestatória andava junto com a fé, com potencial de resistência à dominação econômica. Em relação a essa corrente engajada,

Numa linha inteiramente diferente, mesmo oposta, o grupo pentecostal dos brancos estadunidenses deu particular ênfase ao batismo no Espírito Santo, na glossalia, e aos dons de cura e de falar línguas estranhas. Não se cantava a libertação dos oprimidos. Antes, louvava-se o poder do Espírito. A visão que os crentes brancos tinham de Cristo e do Espírito Santo ia se tornando diferente da dos negros pentecostais. Enquanto a religiosidade destes últimos reunia num todo indissociável práticas religiosas e práticas sociopolíticas, aqueles

se limitavam a uma experiência voltada para o sagrado. Experiência em que mergulharam tanto a Assembleia de Deus como o Evangelho Quadrangular (...) (Rolim, 1985, p. 70-71).

E, para Rolim, é essa experiência norte-americana mais favorável à manutenção do *status quo* que chega ao Brasil. Não que seja possível fazer paralelos imediatos entre a experiência norte-americana e a brasileira. Mas há algumas informações relevantes, que talvez possam ser confirmadas ou refutadas por mais pesquisas. Lá, o evangelismo branco é mais conservador. Aqui, o evangelismo, mesmo de maioria negra, tem uma postura predominantemente não-contestatória a respeito do racismo.

Mais do que isso. Conforme apontam as pesquisas de Contins (2015, p. 164), nas igrejas por ela estudadas, como a Universal do Reino de Deus e Igreja da Graça, as entidades da umbanda têm um papel essencial, sendo através da “oposição entre ‘exus’ e ‘pombagiras’ e o ‘Espírito Santo’ que esses cultos se realizam”, estando o mal associado ao Candomblé e à Umbanda no Rio de Janeiro, que seriam ligados à figura do diabo.

Assim como, para a tradição pentecostal conservadora, o comunismo é uma expressão demoníaca, também as religiões afro, de acordo com a pesquisa de Contins, para algumas denominações, o são. A essa ordem de ideias que os evangélicos progressistas se opõem e se articulam, alinhando elementos da luta por igualdade e respeito à diversidade, entendendo-as não contra a palavra cristã, mas consentâneas com ela. Embora haja exceções, esses contornos delineiam campos de direita – hegemônico – e de esquerda entre os evangélicos. O trabalho de Vital da Cunha é relevante para jogar luz para as estratégias de resistência e enfrentamento desses grupos minoritários no universo protestante, sobretudo pentecostal.

REFERÊNCIAS

BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: Razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Fundação UNESP, 1995.

CARRANZA, Brenda; TEIXEIRA, Ana Claudia Chaves. Católicos ultraconservadores critican y descalifican la Campaña de la Fraternidad de la Iglesia brasileira. *Religión Digital*. Disponível em: https://www.religiondigital.org/opinion/Catolicos-ultraconservadores-Campana-Fraternidad-Iglesia-bolsonaristas_0_2316668314.html. Acesso em: 30 jun. 2021.

CNV, Comissão Nacional da Verdade. Relatório - Volume II. 2014.

CONTINS, Marcia. Subjetividade e alteridade: os pentecostais negros no Brasil e nos Estados Unidos. *Logos*, 11, n. 2, p. 24, 2015.

COWAN, Benjamin Arthur. "Nosso Terreno" crise moral, política evangélica e a formação da 'Nova Direita' brasileira. *Varia Historia*, 30, p. 101-125, 2014.

DIAS, Zwinglio Mota. Apresentação. In: DIAS, Zwinglio Mota (Ed.). *Memórias Ecumênicas Protestantes - Os Protestantes e a Ditadura: Colaboração e Resistência*. Rio de Janeiro: KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, 2014.

FONSECA, Alexandre Brasil. O PT e o voto evangélico. *IHU Online*, Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/603854-o-pt-e-o-voto-evangelico>. Acesso em: 30 jun. 2021.

FRESTON, Paul. *Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*. (Tese de doutorado) - Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1993.

LACERDA, Marina Basso. *O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro*. Porto Alegre: Zouk, 2019.

REINA, Morgane Laure. Pentecostalismo e questão racial no Brasil: desafios e possibilidades do ser negro na igreja evangélica. *Plural*, 24, n. 2, p. 253-275, 2017.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: Uma Interpretação Sócio-Religiosa*. Petrópolis: 1985.

SANTOS, Lyndon de Araújo. O púlpito, a praça e o palanque: os evangélicos e o regime militar brasileiro. In: FREIXO, Adriano de e MUNTEAL

FILHO, Oswaldo (Ed.). *A ditadura em debate: Estado e sociedade nos anos do autoritarismo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

Recebido em: 16/03/2021

Aprovado em: 16/03/2021